



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 27 de junho de 2020



Olosapo, vyakuka, nd'uwalo wafundala, echi wavita vyalinga vyokaliye. (Umbundu)
Histórias velhas, como roupas enxovalhada ao contá-las tornam-se novas. | 2020 | Yara Monteiro (cortesia da artista e escritora)
(mapa rodoviário de Angola 1967 e selos angolanos, papel químico, caneta, marcador)

PAPÉIS VELHOS

Yara Monteiro

O meu avô materno faleceu em casa, rodeado pela família e olhando o grande mapa de Angola pendurado na parede em frente à sua cama. Vivia em Portugal há quase vinte anos, porém não havia abandonado o país onde nascera. Na realidade, nenhum de nós. Não que alguma vez a família tenha considerado um retorno, simplesmente era-nos possível estar em dois lados ao mesmo tempo, acontecendo que se acabava por estar em parte alguma.

Em casa, o seu escritório tornou-se um lugar de memória. Por uma década, em nada se tocou. A sagrada limpeza primaveril, feita pelas mulheres da família, com o desígnio acrescido de minorar as pilhas de revistas, jornais e papelada, havia sido cancelada após a sua morte e por tempo indeterminado.

No *antes*, muito se discutia com veemência a sua obstinação em guardar “papéis velhos”: declarações, recortes de notícias, registos, apontamentos, fotografias – papelada ainda do tempo da Gamba, Angola. O avô não era compreendido. Sem titubear, entendia-se a atitude como mania derivada do trauma da guerra, de quem tudo perdeu e conviveu com a necessidade: “Guardemos. Poderá fazer jeito.”

Parte da minha infância foi passada a brincar naquele escritório. Colocava uma almofada na cadeira, sentava-me e ficava horas a mexer nos seus papéis, a martelar na máquina de escrever, a explorar livros, pilhas de revistas e dossiês. Quando saía do escritório, levava na pele e no cabelo o aroma característico daquele sítio: almíscar, tabaco, café e “papéis velhos”. Enquanto escrevo estas palavras, e sem grande esforço, consigo invocá-lo.

No *depois*, quando o luto se tornou um pouco mais antigo, encetou-se o desmantelamento do escritório. Descobriu-se que o avô criara um arquivo de correspondências, documentos oficiais, notícias, recortes de revistas, jornais com relevância histórica, vários escritos seus, inventários, recibos, envelopes e selos comemorativos. No seu conjunto, tornara-se possível mapear a história colonial de Angola e Portugal, as lutas de libertação, guerra civil e tentativas de acordos de paz. Os “papéis velhos” contam o nosso processo de migração para Portugal, as dificuldades de sobrevivência e adaptação à vida tão distinta e que gerou inúmeros registos sobre os seus conflitos internos. Encontramos também a mala diplomática, essa uma outra história.

Conto-vos isso pois os “papéis velhos” representam para mim a herança arqueológica de trajetos de vida, memórias e eventos nacionais. Por circunstâncias várias, sou eu a guardiã destas memórias materiais que invadem o meu escritório com o seu perfume do antigamente. Existem silêncios, lacunas e incógnitas. Amiúde, interrogo-me: o que terá decidido não arquivar e deixar de fora? Que narração decidiu guardar para que não fosse condenada ao esquecimento? Não entendo o arquivo como um fim em si mesmo, é antes uma porta que se abre para a exploração do testemunho que o avô desejou deixarmos.

Pesquisar o arquivo de “papéis velhos” é entrar no reino de Hades, fazer parte dessa terra invisível de almas, espectros de realidades onde os meus ancestrais e outros de gente que desconheço permitem que me aproprie das suas histórias, dos seus rostos, gestos, afetos e desafetos; pois que se recusam a partir sem que as suas versões sejam contadas. Sempre me comovo e surpreendo. Os “papéis velhos” comprovam – ou não – as lembranças familiares, por mim ouvidas vezes e vezes sem conta.

Algumas das histórias conservadas no seu universo serviram de inspiração para escrever o meu romance *Essa dama bate bué!*. Reescrevi biografias, topografias e narrativas. Quiçá, tentando, sem que o soubesse, desconstruir traumas, conciliar e articular, pelo uso da imaginação, o meu lugar de pertença, esta minha vida repartida entre dois continentes, querendo dar sentido à nostalgia e ao sofrimento sentido pelo avô. Seguindo ao seu lado, enquanto dá as voltas à mística mulemba e diz: “O que fica, fica aqui.” Mas quis o destino que o passado viajasse connosco, ocultado em “papéis velhos”.

Yara Monteiro, escritora e artista visual nascida em 1979 em Angola, veio para Portugal aos dois anos. É licenciada em Recursos Humanos e trabalhou na área 15 anos. Possui o curso de Guionismo pela ACT - Escola de Autores (Lisboa) e o de Arte Contemporânea pela Sotheby’s (Londres). Em 2018 publicou o primeiro romance, *Essa Dama Bate Bué*, uma imersão nas redes históricas e familiares que envolvem Angola e Portugal olhadas a partir das gerações seguintes.